

Violência no Brasil: outro olhar



Arquivo Expositor Cristão

Qual o papel das igrejas diante da violência? Leia a mensagem especial e reflita sobre o assunto.

Página 6

Igrejas debaixo d'água



Rodrigo de Brito

Comunidades cristãs sofrem com a cheia do rio Madeira, mas são exemplo de solidariedade!

Página 7

Três décadas de missão



Arquivo Expositor Cristão

Casal metodista conta experiências dos 30 anos de missão com povos indígenas!

Páginas 12 e 13



PÁSCOA



EXPOSITOR

Cristão

Jornal Mensal da Igreja Metodista . Abril de 2014 . ano 128 . nº 04

John Keyser

Autoridade pastoral

Páginas 8 e 9

Palavra Episcopal

Confira a mensagem da Bispa Marisa sobre a importância da comunhão!

Página 3

Expansão

Acompanhe o avanço do metodismo em Mato Grosso do Sul!

Página 5

Discipulado

Relacionamentos saudáveis geram crescimento! Confira!

Página 10

Páscoa

É tempo de celebrar a ressurreição de Jesus. Saiba como!

Página 11

Crianças

Página especial aborda o tema do discipulado infantil!

Página 15



Editorial

Liderança serve

“S e nós devemos vigiar a Igreja de Deus, que foi comprada com seu próprio sangue, que tipo de homens e mulheres devemos ser?”. A indagação de John Wesley aos pastores em 1756 permanece atual. Ao olharmos para o ministério de Jesus fica evidente que um dos requisitos fundamentais no exercício pastoral é a vocação para o serviço.

No capítulo 13 do Evangelho de João, Jesus lava os pés dos discípulos. Trata-se de uma aula sobre liderança. Com aquele gesto, o mestre ensina que humildade e serviço formam o único caminho para a liderança madura e direcionada por Deus. Porém, não devemos perder de vista a autoridade. Jesus não a perdeu.

No lava-pés, Pedro tenta impedir que seus pés fossem lavados por Jesus. No mesmo momento, Jesus se posiciona e diz firmemente o que o discípulo precisa ouvir. Ele estava servindo, mas, repreende com autoridade. Este equilíbrio é o desafio do líder servidor: liderar servindo e servir liderando.

Nesta edição do Expositor Cristão celebramos o dia do pastor e da pastora metodista ressaltando a vocação para o serviço. Nosso desejo é que o corpo pastoral da Igreja Metodista seja cada vez mais exemplo de liderança serve. Que as próximas páginas sejam inspiradoras para o exercício deste ministério. Boa leitura!

www.metodista.org.br



Acesse!
Fique por dentro!

José Geraldo Magalhães



Colégio Episcopal se reúne em São Paulo. Saiba o que foi decidido!

Júlio Cesar Guimarães



Dia da mocidade metodista comemorado em todo o Brasil com festa e doação de sangue! Confira!

Luciana de Santana/Fatec



Bispo João Carlos Lopes fala sobre discipulado com estudantes de teologia da Igreja Metodista! Veja como foi!

LEITOR

Assuntos mais comentados da edição de Março (Comentários postados na internet)

Mulheres Metodistas

Especialmente lindo o nosso Expositor Cristão deste mês. Amei a matéria sobre a trajetória das mulheres na história da Igreja Metodista no Brasil. Merece ser lido por todos! **Tirza**

Testemunho - Bispo Nelson

Parabéns Bispo Nelson por essa trajetória de vida e que Deus continue a abençoá-lo. **Sérgio Mendes**

Lindo testemunho. Uma benção este Bispo. Deus o abençoe sempre. **Marisa Fernandes**

Barco Hospital

Deus abençoe todos os que idealizaram e os que fazem esta obra! **Ieda Dos Santos**

Vamos orar para que Deus levante pessoas assim a cada dia, amando ao próximo e praticando o ide que nos ordenou o Senhor! **Vanessa Ribeiro**

Que iniciativa maravilhosa! Verdadeira obra de Deus. Deus continue abençoando. **Moisés Maria Souza Ferraz**

Corrupção

“Fé e política estão nas pautas dos grupos celulares?” Grande pergunta pastor Mano Zé. **Walteir Pinheiro**

Envie seu comentário para: expositorcristao@gmail.com



@jor_metodista
@metodistabrasil



/expositorcristao
/metodistanacional



expositorcristao
metodistabrasil



Páscoa e Ascensão: Celebração da saída do povo do Egito; ressurreição de Cristo.

Tema básico: Esperança na ressurreição de toda vida criada por Deus.

Período: Da quarta-feira Santa (lava-pés) até o Pentecostes.

Símbolos: Túmulo vazio; Sol nascente; Cruz vazia; Borboleta como símbolo de transformação e vida nova.

Cores: Usa-se o preto na sexta-feira Santa, roxo lilás no sábado, amarelo (Cristo, o

sol nascente) e branco no domingo da Ressurreição.

Leituras: Ex 12; Sl 113 a 118 (cânticos pascais); Mt 26.17-30; Mt 28.1-20; Mc 16.1-8; Lc 24.1-12; Jo 20.1-18 e At 1.1-14.

Série ícones litúrgicos por Samuel Fernandes. Usado com permissão.



Jornal oficial da Igreja Metodista
Colégio Episcopal

Fundado em 1º de janeiro de 1886 pelo missionário Pr. John James Ranson

Presidente do Colégio Episcopal:
Bispo Adonias Pereira do Lago

Jornalista Responsável e Editor:
Marcelo Ramiro (MTB 393/MS)

Conselho Editorial:
Almir de Souza Maia, Camila Abreu Ramos, Magali Cunha, Paulo Roberto Salles Garcia.

Repórter: Pr. José Geraldo Magalhães

Revisão: Celena Alves

Diagramação: Hamilton Ferreira

Entre em contato conosco:
Tel.: (11) 2813-8600
www.metodista.org.br
expositor@metodista.org.br

Tiragem: 3 mil exemplares

As matérias assinadas são responsabilidade de seus autores/as e não representam, necessariamente, a opinião do jornal. A produção do Expositor Cristão é realizada em convênio com o Instituto Metodista de Ensino Superior, responsável pela distribuição.

Avenida Piassanguaba, nº 3031 – Planalto Paulista – São Paulo/SP – CEP 04060-004



Discípulas e discípulos em comunhão



Arquivo Expositor Cristão

Há uma fala que é muito comum em nosso meio: “Precisamos nos unir, minhas irmãs e meus irmãos. Só assim poderemos vencer as adversidades.”. Acredito que você ouviu isto por inúmeras vezes. E certamente já percebeu que, apesar de desejar essa união, não são muitas pessoas que a vivem.

Toda pessoa cristã deveria viver em comunhão com as irmãs e irmãos. Comungar com a família da fé deveria ser tão simples quanto o correr das águas dos rios em direção ao mar. Deveria sim. Mas não é o que se vê com frequência.

Na verdade, comunhão cristã não é uma escolha, é uma decorrência da conversão a Cristo Jesus. Quando se experimenta o encontro com o Senhor Jesus ressurreto, passa-se a uma nova condição: filhas e filhos do Deus Onipotente. Dá-se início a uma longa caminhada de discipulado: cada dia é uma oportunidade para que “cresçamos em tudo naquele que é a cabeça, Cristo” (Ef 4.15).

Sob a ação do Espírito Santo somos transformados/as por meio da Palavra e da convivência com os/as santos/as. A luz, que agora brilha em nós, tem o poder de extirpar as trevas que nos acompanham. A imagem e semelhança com o Pai vai sendo refeita a cada dia. É como restaurar uma obra de arte que se deteriorou com o tempo.

Desfazendo o nó

Ter desejo de viver em comunhão não é o bastante para que a mesma aconteça. Não se une em torno de Cristo por uma lógica mágica. Não. A unidade se estabelece por uma nova condição que se dá com a nova vida em

Cristo. Discípulas e discípulos se reconhecem irmãs e irmãos. O amor de Cristo que as alcançou, revela-se em atos concretos de cuidado para com o/a outro/a.

Lendo os evangelhos verifica-se que isto ocorria em todo o tempo na vida das pessoas que a Cristo se convertiam. Foi assim com a mulher que sofreu, durante 12 anos, com hemorragia. Ao ser tocada por Jesus, pôde voltar à convivência com todas as pessoas ao seu redor (o que até então lhe era proibido, já que estava em condição de impura – Lv 15.27-30). Foi assim com os doze, que atendendo ao chamado de Cristo, passam a viver em intensa comunhão de vida, propósitos e ações (mesmo havendo traição e negação por parte, respectivamente, de Judas e Pedro).

São inúmeras as evidências de que a comunhão se dá sempre na vida das pessoas que vivem por Cristo. Jesus é o centro da vida de cada um/a e de todos/as. O que une é Cristo e a missão. Em decorrência da comunhão

com Cristo, destaco o maior ato de amor de Deus à humanidade: para que todos/as sejam um só corpo em Deus, Jesus dá a sua vida por nós.

A morte na cruz é caminho de aglutinação de pessoas pecadoras que se arrependem dos seus pecados. Este ato de Cristo restaura vidas antes perdidas por desobediência a Deus. Em Cristo, são redimidas e passam a ser seguidoras dele. São, agora, discípulas e discípulos do Messias. Cristo passa a ser o centro de suas vidas.

Em união comum

Na vida cristã a comunhão é uma evidência de que Cristo é o Senhor das vidas. Como ele é o alvo, a comum união se dá em função dele. Ama-se como ele ama; vive-se em discipulado como ele viveu com os doze; socorre-se ao próximo como ele o fez; ora-se em grupo como ele fazia; parte-se o pão em uma mesa comum, tal como ele o fez tantas vezes; acolhe-

-se crianças, reconhecendo que o Reino do Pai é delas. E por aí vai. Perceba que a comunhão é algo inerente a quem confessa o nome de Jesus.

Viver como Cristo, tal como disse as bem-aventuranças, não é fácil. Também não é opcional. Quando o povo de Deus perde-se em desentendimentos e distanciamentos, pode-se afirmar que isso é decorrente de uma vida cristã fictícia e não legítima. Vive-se mais em religiosidade que em vida cristã. Na vida cristã o Espírito Santo dá conta de destituir a obra da carne e, em contra partida, gerar o fruto (Gl 6.16-26).

A alegria da vida em família de Deus é o que predomina. Já não se permite viver em discurso cristão vazio. O que marca a vida da pessoa convertida é exatamente a condição de *ser serva*. Os diversos dons suprem as necessidades do corpo. Há um movimento conjunto, que revela o poder de Deus em fazer de todos/as um só organismo. Os interesses pessoais já não predominam: mais vale obedecer a Deus que a pessoas.

Quando a igreja de Cristo vive esta unidade em torno dele, o mundo passa a crer que Deus existe. Não são necessárias tantas palavras: o visível fala do invisível e atrai as pessoas. É puro poder de Deus no meio do seu povo. É alegria no Senhor! É vida, e vida abundante!

Que o Senhor nos mantenha com os olhos fixos nele. Só assim a comunhão brotará como água cristalina que mata a sede. No Caminho, em discipulado. ■

Bispa Marisa de Freitas Ferreira
Pastora no exercício do episcopado



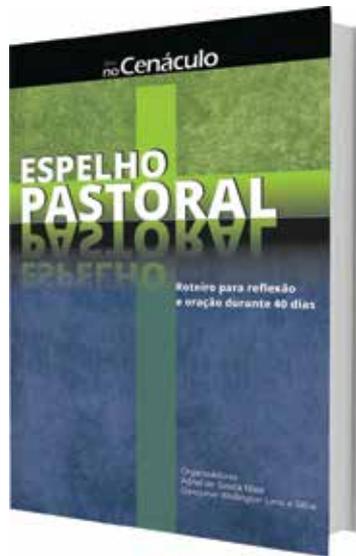


Devocionário para pastores e pastoras

Cinquenta reflexões para fortalecer a espiritualidade pastoral

Com o intuito de fortalecer a espiritualidade dos/as pastores/as, a Igreja Metodista lança uma nova edição do devocionário pastoral. O guia com mensagens de edificação será semelhante ao editado em 2012, à luz da ênfase 2 do Plano Nacional Missionário: *Revitalizar o carisma dos ministérios clérigo e leigo nos vários aspectos da missão.*

O tema do devocionário será: Espelho Pastoral e tem 40 reflexões pastorais para uma jornada de oração, jejum, quebrantamento aos pés do Senhor. No final de cada mensagem há uma questão para ser aprofundada. “Os desgastes são muitos no ministério e o pastor ou pastora precisa de uma disciplina espiritual saudável a fim de dar conta de todas essas demandas nos caminhos da missão”, justifica o



Divulgação

editor responsável, bispo Adriel de Souza Maia.

A publicação faz parte da série *no Cenáculo* e será enviada aos/as pastores/as da Igreja Metodista. Se você deseja adquirir, veja as informações em www.metodista.org.br. ■

Leitura edificante

O Colégio Metodista Granbery em Juiz de Fora/MG adotou uma nova conduta. Todos os dias, no primeiro horário de aula das turmas (manhã e tarde), os/as professores/as fazem a leitura do devocionário no Cenáculo, da Igreja Metodista. De acordo com a direção do Instituto, o retorno tem sido surpreendente tanto por parte dos estudantes como dos pais. Saiba mais em www.granbery.edu.br.



Loren Portillo



CAMPANHA NACIONAL DE
OFERTA MISSIONÁRIA

18 de Maio de 2014

Alvo Nacional
R\$ 600.000,00

»»» Acesse o hot site da campanha:

goo.gl/XpfzTD



MÃOS QUE DOAM,
MÃOS QUE ABENÇOAM.

Com sua contribuição e envolvimento será possível abençoar os campos missionários da **Amazônia e do Nordeste.**

Na Região Missionária da Amazônia (Rema) o valor será investido na formação de obreiros e na consolidação de igrejas em Porto Velho/RO, Manaus/AM e em Marabá/PA.

Na Região Missionária do Nordeste (Remne) o investimento será para aquisição de propriedade no bairro Sam Martim, em Recife/PE, para a construção do templo.

DORE
DORE
ABENÇOE

Para informações acesse o site nacional da Igreja Metodista: www.metodista.org.br



Avanço metodista em Mato Grosso do Sul

Crescimento visa a autonomia do estado como Região Eclesiástica nos próximos anos

Pr. Paulo Pontes

A Igreja Metodista continua a expandir a presença desse povo em todo o território nacional. No estado do Mato Grosso do Sul, a presença metodista tem ocupado cada vez mais municípios. O estado faz parte da 5ª Região Eclesiástica, sob a presidência do bispo Adonias Pereira do Lago e pertence à Sub-região Missionária Oeste, também composta pelo estado de Mato Grosso.

Na Sub-região Missionária Oeste estima-se, segundo informações do PRAM (*Plano Regional de Ação Missionária*), a presença de aproximadamente 3 mil metodistas professos (MT e MS). Além disso, muitos que frequentam a nossa igreja, mas ainda não oficializaram seu compromisso.

O estado foi organizado esse ano em dois distritos MS I e MS II. Essa dinâmica da multiplicação dos distritos aconteceu para dinamizar a ação missionária e estimular a vida da igreja local, proporcionando maior aproximação entre as igrejas para o avanço missionária, em especial, alcançando cidades sem a presença metodista.

Para nós, a estratégia para a expansão missionária é a plantação de novas igrejas através do discipulado. Em todo o estado, temos vivenciado a experiência



Ministerial reuniu pastores e pastoras metodistas de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul para despertamento missionário entre os dias 21 e 22 de março.

Pr. José do Carmo

da plantação de igrejas através de grupos pequenos que se instalam em cidades através de casas de famílias metodistas e outras situações. Esses grupos vão se multiplicando, crescendo e assim, vamos instalando a estrutura posteriormente.

É o caso de Brasilândia que nesse ano receberá o Projeto Missionário Uma Semana Pra Jesus. A Igreja Metodista em Bataguassu avançou para essa cidade através de um trabalho de discipulado e celebração nos lares de muitas famílias que se abriram ao Evangelho de Jesus e hoje temos ali uma igreja com grande potencial. O mesmo ocorreu em Sonora, onde a Igreja Metodista em Coxim tem desenvolvido a plantação de uma nova igreja.

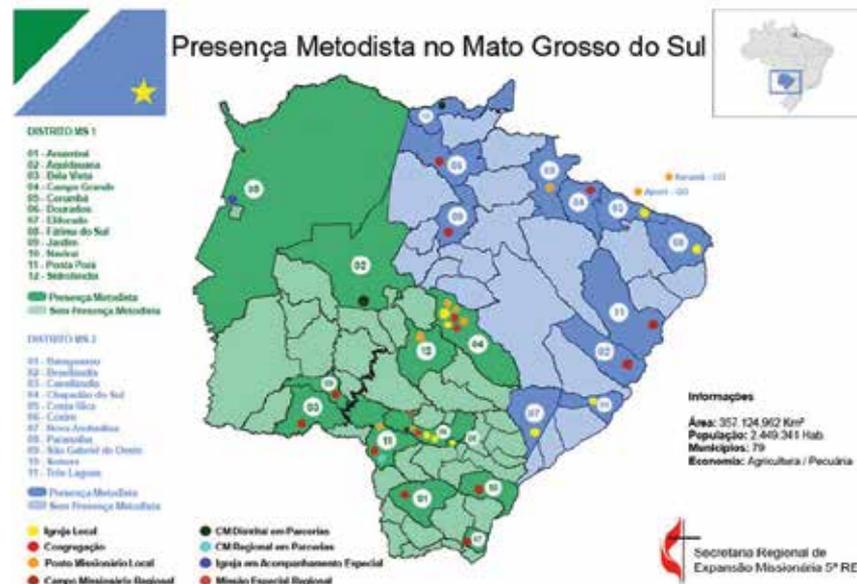
Estamos vivenciando uma experiência muito positiva de parceria com a 6ª Região Eclesiástica que designou e tem sustentado o missionário Osmir Silvério dos Reis na cidade de

Naviraí. Várias são as estratégias da parceria, podendo se traduzir pelo envio de obreiros, sustento de obreiros, transplante de famílias e outras mais. A ideia da parceria é que as 5ª RE e 6ª RE contribuam para o crescimento do metodismo no Mato Grosso do Sul, a fim de que o estado se torne uma Região Eclesiástica.

Nos dias 21 e 22 de março foi realizado em Campo Grande o

Ministerial da Sub-região Oeste, no Acampamento Maanain da Igreja Metodista Central da cidade. O evento reuniu todos os pastores e pastoras do Mato Grosso do Sul e Mato Grosso para um momento de despertamento missionário, partilha de informações e encaminhamentos. Várias lideranças das igrejas locais e evangelistas também participaram. O que se percebe é a grande paixão evangelística que tem motivado as ações das igrejas locais.

Nosso desejo é que cada vez mais possamos avançar para as cidades sem presença metodista, podendo ocupar cada cidade no estado com uma comunidade discipuladora e que se multiplique naturalmente.



Planejamento missionário

Câmaras de Expansão Missionária e Discipulado se unem

A Câmara Nacional de Expansão Missionária se reuniu entre os dias 11 e 12 de março na Sede Nacional em São Paulo/SP, para um diálogo com a Câmara Nacional de Discipulado, representada pelo Emanuel Adriano Siqueira. A parceria firmada será fundamental para a realização do Congresso Nacional de Discipulado e Missões da

Igreja Metodista, que ocorrerá no mês de setembro em Curitiba/PR. Durante a reunião, as parcerias entre as Regiões Eclesiásticas foram revisadas. A equipe também analisou o Planejamento Estratégico do Avanço Missionário com as observações da Coordenação Geral de Ação Missionária (Cogeam) e do Colégio Episcopal. ■



Câmara Nacional de Expansão Missionária é composta por representantes de cada Região Eclesiástica e Missionária da Igreja Metodista.

Pr. José Geraldo Magalhães



Violência nossa de cada dia

Pra. Maria Lúcia Paprotzki

A violência que verificamos no mundo, em suas mais variadas formas, não é algo recente. Foi uma das razões do dilúvio sobre a terra no tempo de Noé. *“A terra estava corrompida à vista de Deus e cheia de violência”* (Gn 6.11). É tão antiga quanto o próprio homem. O primeiro ato de violência na Bíblia é o de Caim contra seu irmão Abel (Gn 4.8).

Diariamente são registrados assassinatos, assaltos, roubos, seqüestros, chacinas e latrocínios em nosso país. Há causas sociais, políticas, físicas, psicológicas, emocionais e espirituais para o problema da violência. Nesse ambiente de desesperança, falta de perspectiva e desemprego, rompem-se os frágeis sentimentos de solidariedade e cumprimento de leis no tecido social.

O Brasil tem altos índices de violência, principalmente nas grandes cidades onde vidas são ceifadas, literalmente, por motivos fúteis. Precisamos ter sensibilidade para ouvir o clamor do povo que padece. Precisamos também estar disponíveis para agir e trabalhar pela paz.

Infelizmente, mesmo diante de um clamor grotescamente audível, muitas pessoas fingem não ouvir e desprovidas de qualquer sentimento de moralidade, ignoram o sofrimento alheio. Não podemos esquecer que em meio aos

dramas e aflições de um mundo marcado pela violência e guerras em todos os níveis, está inserida a criação de Deus — o ser humano.

Neste sentido, somos convocados/as a refletir. Somos chamados/as a *promover maior comprometimento e resposta ao clamor do desafio urbano* (ênfase 6 do Plano Nacional Missionário). Como cumprimento da missão, cabe ao povo de Deus a tarefa de anunciar a mensagem de paz, alegria e esperança que só Cristo concede.

A Igreja é um instrumento privilegiado para agir no mundo. Jesus é exemplo de profunda consciência da sua missão, obediência a Deus e amor pelo ser humano. Temos o compromisso em dar seguimento à tarefa que o Senhor Jesus iniciou, isto é, expandir o Reino de Deus amando pessoas.

Faz-se necessário educar a visão e a audição para identificarmos e sensibilizarmos as pessoas que clamam e gritam em nosso país, em nossa cidade, em nossa vizinhança. A Igreja é uma agência do Reino e ela precisa ser vista como tal, tornando-se uma comunidade de cuidado para transformação de vidas.

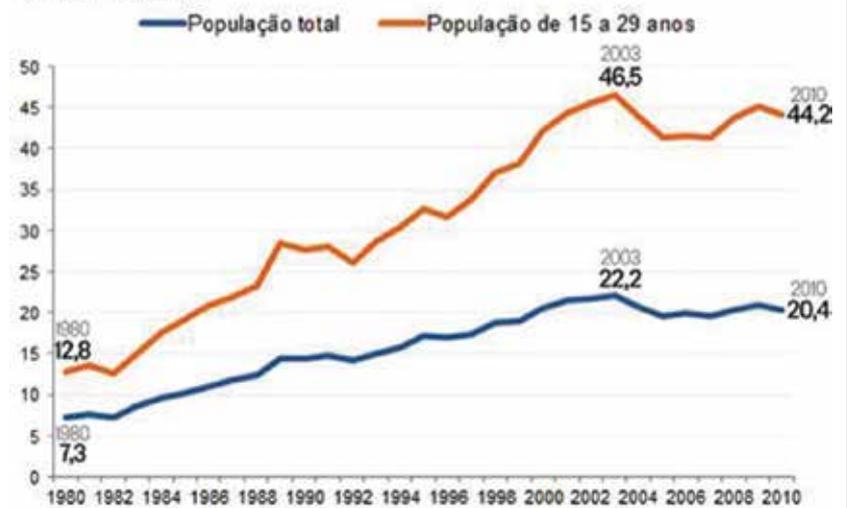
Que nossas ações ampliem os valores do Reino de Deus na terra, por meio da justiça e da paz. Eu e você fomos chamados/as para servir na grande comissão. O silêncio e a omissão não trazem transformação. ■



Mapa da Violência 2013:

Brasil mantém taxa de 20,4 homicídios por 100 mil habitantes

Evolução da taxa de mortalidade por armas de fogo (em 100 mil habitantes)



Confira o mapa completo da violência por arma de fogo no Brasil! Acesse: goo.gl/PI50MM

36 perderam a vida em protestos na Venezuela



Passeatas, violência e mortes marcam os protestos na Venezuela.

Chega a 36 o número de manifestantes contra o governo de Nicolás Maduro mortos em enfrentamentos com a polícia na Venezuela. As manifestações antigoverno tiveram início no dia 12 de fevereiro. Revoltada com uma inflação anual superior a 56%, crescente escassez de alimentos nas prateleiras dos mercados e índices de violência que não param de subir, a população foi às ruas protestar contra as políticas econômicas da gestão de Maduro. Eles exigem a renúncia do sucessor de Hugo Chávez. O Conselho Latino Americano de Igrejas (Clai) se pronunciou sobre o assunto, ressaltando o compromisso em favor da justiça e da paz. Leia o pronunciamento completo em: www.metodista.org.br. ■



Cheia deixa mais de quatro mil desabrigados em Porto Velho/RO

Em meio às perdas, metodistas se mobilizam para ajudar quem precisa

Pr. José Geraldo Magalhães

A capital de Rondônia, Porto Velho, vive uma situação dramática. O nível do Rio Madeira subiu e chegou a 19,4 metros: um recorde histórico segundo especialistas. A situação deixou ruas alagadas e vilas ribeirinhas inteiras debaixo d'água. Cerca de quatro mil pessoas na região tiveram de deixar suas casas.

Uma das principais ruas de acesso ao bairro Nacional, onde está localizada a Congregação da Igreja Metodista Central de Porto Velho, está completamente interditada. O pastor Darci Faustino de Souza está na comunidade há um ano e se preocupa com moradores. “Temos um desafio muito grande porque as pessoas são muito carentes e precisam de acolhimento. Nós estamos trabalhando diariamente para ajudar no que é possível”, relata o pastor.

Idalina Ferreira Silva mora na região há 25 anos e diz que

nunca passou por uma situação parecida. “Não tem sido fácil, mas tenho esperança em Deus que tudo vai melhorar”, disse. Mesmo sem condições de pagar o aluguel, Idalina já acolheu mais 14 pessoas da família que saíram das casas.

De acordo com a Defesa Civil, das mais de quatro mil pessoas desalojadas, quase mil estão abrigadas nas casas de parentes. O restante se divide entre ginásios, escolas e igrejas que são locais de acolhimento. “Nós perdemos várias coisas, fora os saqueadores que levaram o que deixamos para trás. Agora é seguir com fé em Deus e recomeçar do zero”, conta Elcimar Aragão.

A casa da metodista Valmarina Alves Galvão, onde começou a Congregação Metodista, virou abrigo para outra família. “Cedi um espaço para uma família montar uma barraca e ficar até as águas baixarem. É o mínimo que eu posso fazer e este é nosso papel como cristãos”, disse. ■



Municípios sofrem com a cheia recorde do rio Madeira, que deverá continuar subindo até o fim do mês de abril.

Rodrigo de Britos

Novos trabalhos metodistas no Nordeste

Ações planejadas em Maceió/AL, Sobral/CE e Feira de Santana/BA

Patrícia Monteiro

A Secretaria Regional de Expansão Missionária começou 2014 com a expectativa de ampliar o anúncio das boas novas do Evangelho, por meio da Igreja Metodista, em três cidades estratégicas da Região Nordeste: Maceió/AL, Sobral/CE e Feira de Santana/BA.

Com o início de um novo trabalho metodista na capital Maceió, a Remne volta a estar presente em todos os estados nordestinos. Segundo o secretário de Expansão Missionária, pastor Dilson Dias, a missão iniciará oficialmente neste mês de abril. “O imóvel já foi alugado e o trabalho iniciará na residência da missionária Evanise numa perspectiva de discipulado, ou seja, de evan-

gelismo relacional”, explicou.

Já presente em diversos municípios baianos, a Igreja Metodista também chegará à Feira de Santana, segunda maior cidade do estado, com reconhecida vocação para a indústria e o comércio. A expectativa é que a abertura oficial do trabalho metodista seja no mês de julho.

Desde o ano passado a Secretaria Regional de Expansão Missionária oferece assistência para cerca de 20 irmãos/ãs metodistas que vivem em Sobral. A cidade é a quinta mais povoada do Ceará e a quarta economia do estado. Um espaço para reuniões foi alugado no final do mês de março e o próprio grupo assumirá o aluguel. ■



Situação da Igreja Metodista Wesleyana em Porto Velho/RO é cada vez mais crítica.



População teme pelo desabastecimento e aumento de doenças decorrentes da cheia.

Rodrigo de Britos



Precisa-se de pastores e pastoras radicais!



Momento lava-pés em reunião entre pastores/as e líderes do Conselho de Igrejas Evangélicas Metodistas da América do Sul e Caribe.

Pr. José Geraldo Magalhães

Pr. Paulo Dias Nogueira

Inicio esclarecendo o uso da palavra radical neste texto. Muitas pessoas, sem um conhecimento mais profundo do termo, utilizam-no informalmente como sinônimo de extremista (intransigente - fanático). Faz-se necessário desvinculá-los. Uma postura extremista é aquela que transita apenas nos extremos. Como diz o ditado: “ou é oito, ou é oitenta”. Não há um meio termo. Não há diálogo. É um fundamentalismo irracional.

Aqui o significado de radical está ligado à definição do dicio-

nário: absoluto, completo, fundamental, integral, total, profundo, ligado à raiz. Numa época em que a credibilidade dos pastores e das pastoras vem sendo questionada, faz-se necessário um ministério radical, não extremista. Voltar à raiz de nossa vocação.

Estamos no mês que se comemora o dia do pastor e da pastora metodista. Portanto, trago uma palavra mais específica ao ministério pastoral da Igreja Metodista. Trata-se então, do partilhar de um pastor, com seus companheiros e companheiras de ministério.

No exercício de nossa vocação, nos deparamos com várias

Numa época em que a credibilidade dos pastores e das pastoras vem sendo questionada, faz-se necessário um ministério radical, não extremista.

expectativas: pessoal, familiar, comunidade local, bispo/a, superintendente distrital, instituição, sociedade etc. Em alguns momentos essas expectativas são tantas e variadas que nos con-

fundem e estressam. Em determinados momentos elas se apresentam de forma antagônica.

Para nos ajudar na compreensão de nosso ministério e seu carisma particular, podemos re-



Pastores e pastoras radicais lideram com autoridade de servos e não pelo poder institucional ou de seu carisma pessoal.

correr às instruções das Sagradas Escrituras, aos documentos da igreja, à bons livros, ao convívio de outros pastores e pastoras, à capacitação continuada e até mesmo à leitura de um breve artigo escrito por um companheiro de ministério, como é o nosso caso.

Num mundo marcado pela filosofia neoliberal, onde as pessoas valem por aquilo que produzem ou consomem, há uma tendência em aplicá-la ao ministério pastoral. Avalia-se o pastor e a pastora por suas ações públicas, esquecendo-se que muitas atividades acontecem em ambientes privados. Quero, porém destacar uma ação pública: liderança.

Ainda que os pastores e as pastoras tenham uma responsabilidade na gestão da igreja, seu carisma é pastoral e não administrativo. Seu papel como “presidente” do Concílio Local e da Coordenação Local de Ação Missionária (Clam) é o de liderar os processos. Porém, existem várias formas de se liderar. Dentre elas destaco a liderança servil. Sugiro a leitura de três livros que poderão ajudá-los/as na compreensão do tema: “O monge e o executivo - uma história sobre a essência da liderança” de James C. Hunter (Sextante), “Autoridade Pasto-



Momento de oração no último Encontro Nacional de Pastores e Pastoras da Igreja Metodista em agosto de 2012.

ral — servindo a Deus liderando o rebanho” de Bill Lawrence (Editora Vida) e “A Revolução da Toalha” de Anselmo do Amaral.

Pastores e pastoras radicais lideram com autoridade de servos e não pelo poder institucional ou de seu carisma pessoal. A igreja precisa de líderes radicais. Pastores e pastoras que assumam com radicalidade o ministério de lavar os pés de seus liderados.

Ser líder servil, não é ser passivo e subserviente. É ser capaz de se humilhar em serviço para lavar os pés de outros, mas também de confrontá-los quando não querem que lavem seus pés (exemplo de Pedro). Ser pastor ou pastora que lidera servilmente, não é fazer aquilo que as pessoas desejam, mas sim, aquilo que elas necessitam.

Um ministério pastoral servil não é o de se tornar um refém de pessoas manipuladoras das atividades pastorais. Não é se submeter aos caprichos de “donos e donas de igreja”. Pelo contrário, é dizer que se está disposto a cingir os lombos com a toalha para lavar os pés, porém quem não quer ter seus pés lavados, não terão parte em seu ministério. Não usufruirão da bênção de sua liderança.

Por reconhecer que o tema liderança está na pauta da igreja, que os/as convido a refletir melhor sobre o tema. Desejo que assumam com radicalidade a vocação que receberam do Senhor,

pois como nos afirma o título do artigo: “Precisa-se de pastores e pastoras radicais”, homens e mulheres que vão à raiz de sua chamada ministerial. Feliz Dia do Pastor e da Pastora Metodista! ■

Dia da Pastora e do Pastor Metodista
13 de Abril

Lembra-vos dos vossos pastores e pastoras, que vos falaram a palavra de Deus, a fé dos quais imitai, atentando para a sua maneira de viver.

Hebreus 13: 7 (adapt)

Igreja Metodista
www.metodista.org.br



Dinâmica do Discipulado

“E o que de minha parte ouviste através de muitas testemunhas, isso mesmo transmite a homens fiéis e também idôneos para instruir a outros” 2Tm 2.2

Pr. Ubiratan Silva

Quando Paulo instruiu a Timóteo que transmitisse a homens fiéis e idôneos o que dele aprendeu e que estes deveriam também ensinar a outros, contemplo claramente no texto a dinâmica de discipulado. Entendo que essa dinâmica abrange dois conceitos: o dinamismo pessoal e eclesial e a vivência da essência que o discipulado requer.

Para falar do primeiro conceito, faço uma pergunta: o dinamismo do discipulado é para todas as pessoas? Sim! Para todas as pessoas que aceitam o discipulado como estilo de vida, que desejam conhecer intimamente Jesus Cristo, viver como ele viveu e estar disponível em fidelidade e submissão à visão que Deus deixou para a sua Igreja: “Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações” (Mt 28.19).

O dinamismo do discipulado acontece porque é um movimento gerado no sopro e na dependência do Espírito Santo para aqueles/as que se dispõem. Essa verdade está nas Escrituras quando Jesus, em João 20.21-22, envia seus discípulos para fazerem novos discípulos e sopra sobre eles o Espírito Santo. O movimento do discipulado capacita homens, mulheres, jovens e crianças a se tornarem frutíferos/as no reino de Deus. O discipulado é a visão, dinamicamente movida pelo Espírito Santo, que Deus deixou para o crescimento espiritual e numérico de sua Igreja, tornando-nos fiéis e idôneos. Tornamo-nos fiéis, porque passamos a priorizar a visão de Deus de ir e fazer discípulos. E idôneos porque temos o caráter tratado e somos capacitados/as para discipular outros/as, gerando dessa forma uma comu-



O movimento do discipulado capacita homens, mulheres, jovens e crianças a se tornarem frutíferos/as no reino de Deus.

nidade dinamicamente viva que ganha, consolida o novo na fé, discipula e envia na perspectiva da salvação, santidade e serviço.

A fidelidade à visão de Deus também nos ajuda a sair de rotinas eclesialísticas, do ativismo religioso e de eventos sem propósitos; rotinas que fazem uma comunidade pensar que tem vida, mas infelizmente, passam anos e anos sem acrescentar uma vida à comunhão da igreja. As atividades e eventos devem ser objetivamente voltados para as pessoas que precisam ser alcançadas pelo evangelho de Jesus Cristo e discipuladas segundo os princípios bíblicos; dessa forma experimenta-se a alegria de, dia a dia, receber pessoas salvas em Jesus Cristo para comunhão da igreja.

O segundo conceito da dinâmica do discipulado está em sua essência. Sabemos que o discipulado acontece a partir de relacionamentos pessoais comprometidos e com propósito entre duas pessoas. Porém, é necessário

conceituar sua essência, para que o discipulado não se torne um mero programa. Para isso, precisamos observar três aspectos.

O primeiro é vida com Deus. A pessoa que discipula, em seu relacionamento com seu/sua discípulo/a, precisa ensiná-lo/a que o importante em primeiro lugar, é ter vida devocional profunda com Deus, na qual a oração, leitura da Palavra, adoração, santidade, contemplação, submissão, renúncia, serviço, inteligência espiritual, autoridade espiritual e tudo que emana da nossa busca pessoal por Deus devem impregnar o viver de um/a discípulo/a.

O segundo é a autenticidade dos relacionamentos pessoais que devem ser comprometidos, transparentes e com propósito. Essa etapa é importantíssima. O/a discipulador/a só conseguirá desenvolver, de forma plena, a fidelidade e idoneidade de seus/suas discípulos/as se barreiras e máscaras forem retira-

das. Para que isso aconteça é necessário que o/a discipulador/a testemunhe ter vida com Deus, com isso ele ganhará a confiança do/a discípulo/a, abrindo caminho para compartilhar as dificuldades, para confessar os pecados, pedindo a Deus perdão e a cura.

O terceiro aspecto integra o ensino e aprendizado em obediência à instrução de Jesus: que deveríamos ensinar a guardar tudo que ele nos ensinou. Essa é uma etapa, digamos, essencialmente de santificação, em que um/uma discípulo/a mais maduro/a junta-se a um/a mais novo/a, com o objetivo de ensiná-lo/a a viver os ensinamentos deixados por Jesus Cristo. Nessa etapa, o testemunho pessoal do/a discipulador/a é fator importante, pois ninguém pode ensinar aquilo que não vive.

O discipulado verdadeiramente dinâmico é aquele que gera, na esfera comunitária e pessoal, fidelidade à visão de Deus, vida devocional profunda em santidade, amor às vidas e comprometimento em servir a Deus e uns aos outros. Se não é assim, o discipulado é apenas um instrumento de resultados. ■



Páscoa do Senhor



Pr. Edson Cortasio Sardinha

Chegou a Páscoa, a ressurreição do Senhor. Do domingo da Páscoa até o seguinte, chamamos de Oitava da Páscoa. São oito dias de festejo e alegria. E, seguindo, teremos mais seis domingos de celebrações pascais, sendo que no sétimo comemoramos a ascensão do Senhor. Nossa vida cristã vive orbitando no mistério pascal. Jesus ressuscitou, ele ressuscitou realmente. O evangelho de João, capítulo 20, fala do encontro de Jesus com Maria Madalena. Esse evangelho nos desafiará a caminhar na fé da ressurreição e no testemunho de uma nova vida em Cristo.

O Domingo (v.1): O Encon-

tro com o túmulo vazio deu-se no domingo, o primeiro dia da semana. O domingo passou a ser o nosso dia sabático (Ex 20.8-10). O dia de descanso das atividades físicas (profissionais, financeiras, domésticas, esportivas etc.) e dia de trabalho para o Senhor. Domingo (*Dominus*) é o dia do Senhor, o dia da pedra removida, o dia do túmulo vazio, o dia do encontro com o ressuscitado. Domingo é o dia de encontrar com Cristo na Igreja, corpo do Senhor. Por causa da ressurreição de Cristo, a Igreja sempre guardou o domingo como dia santo de oração, celebração e alegria. Maria permanece junto ao sepulcro no domingo pela manhã e

encontra com o Jesus ressuscitado (Jo 20.11-18). O domingo é o nosso dia de encontrar com o Senhor e com o seu corpo, a Igreja.

A Esperança de Maria Madalena (v.1): O objetivo de Maria Madalena foi encontrar com o Jesus morto. Ela não foi buscar nada. Foi por amor ao seu Senhor, mesmo crendo que ele estava morto e impotente. Essa caminhada foi de adoração sem interesse. Foi apenas ter um encontro com o seu Cristo. Aquele que lhe havia libertado e salvado. Muitas vezes nossa adoração está voltada para o que Jesus pode fazer em nossa vida, sem levar em conta sua grandeza e majestade. Devemos adorar o Senhor porque ele é digno de adoração, independente de nossas circunstâncias.

O Túmulo vazio (v.2): Maria Madalena encontra a pedra removida e o túmulo vazio. Para ela não foi sinal de ressurreição. Foi símbolo de desespero. Volta a Pedro e ao outro discípulo e diz: "Tiraram do sepulcro o Senhor, e não sabemos onde o puseram". Ela tenta dar uma resposta ao acontecimento sem perceber que Deus estava no controle cumprindo sua Palavra. Quantas vezes tentamos dar respostas ao que não entendemos. Frequentemente interpretamos erradamente os acontecimentos da vida. Vemos pouco com a fé e mais com os nossos olhos limitados e huma-

nos. Tendamos mais a criticar do que a perceber a graça de Deus.

A corrida ao Sepulcro (v.3-9): Pedro e o outro discípulo (pela tradição este "outro discípulo" é João) foram ao sepulcro ver o que Maria havia dito. João foi mais rápido e chegou primeiro ao sepulcro, pelo lado de fora viu os lençóis de linho, mas não entrou. Pedro chega depois, vê os lençóis e o lenço que estivera na cabeça de Jesus e entra no sepulcro, viu e creu. Pedro demora a chegar ao Sepulcro, mas tem uma experiência mais ousada e profunda com o Senhor: entra, viu e creu. Precisamos ter a ousadia de Pedro: entrar, ver e crer. Eles ouviram as palavras de Jesus, conheciam as Escrituras, mas ainda não tinham compreendido que era necessário que ele ressuscitasse dentre os mortos. Uma coisa é conhecer outra coisa é entender. Talvez eu conheça muitas coisas nas Escrituras, mas ainda não entendo o propósito de Deus para minha vida e para os acontecimentos que me cercam.

Jesus ressuscitou, ele ressuscitou realmente: Qualquer pessoa poderia morrer, mas a verdade das palavras de Jesus está em sua ressurreição. A ressurreição é o Selo de Deus de que tudo o que ele falou é verdade. Ele ressuscitou. Ele é o nosso Salvador e Senhor. Ele está vivo hoje e eternamente. ■

Mobilização contra o trabalho doméstico infantil

Comitê do Concílio Mundial Metodista alerta para o problema

Há mais de 15 milhões de crianças no trabalho doméstico no mundo. A maioria é formada por meninas e muitas sofrem abuso e exploração, alerta o Comitê da Vida Familiar do Concílio Mundial Metodista. Além de não receberem remuneração, elas são obrigadas a abandonar a escola.

O problema vai além das crianças. O Escritório da Organização Internacional do

Trabalho para a América Latina e Caribe destacou que na região existem 19,6 milhões de trabalhadoras e trabalhadores domésticos, o maior número do mundo depois da região Ásia-Pacífico.

Diante desta realidade, o Concílio Mundial Metodista estimula os membros espalhados pelo mundo a pressionar os governos a assinar o contrato para a Convenção 189 sobre o trabalho doméstico da Orga-

nização Internacional do Trabalho. A medida é a primeira norma internacional destinada a melhorar as condições de vida de mais de 50 milhões de pessoas empregadas no trabalho doméstico no mundo. ■

Saiba mais!

Saiba mais sobre o assunto no site do Concílio Mundial Metodista:
worldmethodistcouncil.org





Serviço aos indígenas

Marcelo Ramiro

Como foi o início do trabalho missionário com os povos indígenas?

Pra. Imaculada Costa - Em 1982, a Igreja Metodista aprovou um projeto para ser desenvolvido por uma pastora na Missão Metodista Tapeporã em Dourados/MS, visto a importância da mulher Kaiowá em sua comunidade. Em 1983, o pastor Paulo da Silva Costa, meu marido (nos casamos em novembro desse mesmo ano), foi convidado para assumir a coordenação dessa missão, em razão do pedido de demissão do então coordenador Dr. Áureo Brianezzi. Em fevereiro de 1984 eu fui desafiada a iniciar o trabalho. Estava no último ano na Faculdade de Teologia da Igreja Metodista em São Paulo e meu marido veio morar em Dourados. A cada 15 dias eu ia para a reserva indígena onde permanecia por uma semana, vivendo e conhecendo o povo kaiowá. No início, houve uma mistura de sentimentos: raiva de mim e de tudo que eu possuía, da sociedade por tudo que eu via

A história da Missão Metodista Tapeporã está interligada à história do trabalho indigenista da Igreja Metodista. Foi onde tudo começou. O nome expressa a essência do projeto. Em guarani, "tape" significa caminho e "porã" quer dizer bom. A intenção é estar ao lado dos índios no bom caminho. O projeto é desenvolvido com os Kaiowás, na aldeia Bororó em Dourados-MS e em outras áreas indígenas da região. Atualmente, os responsáveis são os pastores Paulo da Silva Costa e Maria Imaculada Costa. Em fevereiro, eles completaram 30 anos de trabalho com os índios. Nesta entrevista com a pastora Ima (como é conhecida), pessoa de referência em ações indigenistas da Igreja Metodista, você vai conhecer algumas experiências, sonhos e desafios encontrados durante três décadas de missão integral.

como presença da morte naquele povo. Também sentia compaixão, tristeza e era desafiada a ter atitude de maior compromisso e solidariedade com esse povo. Em nenhum momento, até o dia de hoje, tive dúvidas de que o Senhor aprovou minha decisão de vir e em 1985 assumir como pastora da missão.

Quais foram os maiores desafios nos primeiros anos?

Penso que todos os desafios encontrados estão no fato de trabalharmos com um povo de cultura muito forte: maneira de ver o mundo, língua e tradições. Às vezes, somos muito pretensiosos

achando que, por já estarmos aqui há 30 anos, os conhecemos plenamente. Mas, não é bem assim. Por isso, mesmo depois de tanto tempo, continuamos na Missão Metodista Tapeporã sendo desafiados ao constante aprendizado sobre esse povo, discutindo aquilo que é de interesse deles/as e respondendo ao "ide" do Senhor Jesus.

Como foi a experiência de criar os filhos no contexto da missão indígena?

Foi difícil! O choque inicial é grande, mas foi gratificante! Nossos filhos (Yvy e Paigy) nasceram e abraçaram a causa indí-

gena. Estavam conosco nas reservas indígenas, brincando com as crianças, falavam o guarani, pediam para titia índia mandioca pretinha (assada na brasa), milho pretinho, sofriam quando viam nesse ou naquele lugar uma criança ou um indígena sendo discriminados e participavam de manifestos em favor dos indígenas. Em suas escolas, nas feiras escolares sempre apresentavam seus trabalhos voltados para essas populações a fim de que a sociedade envolvente conhecesse mais e fosse menos preconceituosa. Com essa caminhada a família tem aprendido muito sobre o valor da vida, o valor do outro com o qual eu caminho e ainda tem se descoberto como família feliz, se quando aquele com quem ela vive é também feliz. Com essa trajetória onde se encontram, seja na escola, trabalho ou nos divertimentos, ela, Yvy (Terra em Guarany) é conhecida por índia e ele Paigy (o que trás uma boa notícia em Guarany) é conhecido por índio ou Pajé. E os dois têm o maior orgulho de nosso ministério junto e com o povo Kaiowá.

Poderia contar uma experiência marcante ao longo desses anos de ministério?

Tive uma experiência muito sofrida, mas pude ver nela a aprovação de Deus para minha decisão de vir fazer parte da Missão



Anderson Luiz

Cerca de 100 crianças são atendidas na Missão Metodista Tapeporã em Mato Grosso do Sul por meio do Sombra e Água Fresca.



Metodista. Foi, se me lembro bem, em 1987 ou 88. Ângela Almeida Snard tinha quatro filhos sendo o menor de 10 meses. Era um menino forte, saudável e lindo! Era janeiro e nós havíamos saído de férias por 20 dias. Quando voltamos fomos informados por nosso ajudante que esse menino havia falecido. Eu ficava pensando comigo mesma: *Senhor como eu vou chegar lá? O que eu falo pra Ângela?* Tinha vontade de fugir desse encontro, mas por outro lado, eu precisava falar com ela naquele dia. Chegando a sua casa desci do carro e pedi ao Paulo que nos deixasse a sós, e ele ficou à distância. Aproximei-me e quando abri os braços para abraçá-la ela repentinamente me segurou, próximo dos ombros, e me sacudindo disse: *Se a senhora estivesse aqui, meu filho não tinha morrido.* Ela só disse isso e chorou comigo, pois tinha certeza do quanto ela e seu povo são importantes para nós e que se estivéssemos lá, o carro da Missão levaria seu filho quantas vezes fosse necessário em busca da saúde que ele tanto carecia. Quantos pequeninos e grandes saíram dessa vida por falta de socorro no momento devido!

Vocês aprenderam muito com essas experiências.

É verdade. A Bíblia nos apresen-

ta a vida como maior dom dado por nosso Deus. Nós lemos isso, concordamos, afirmamos e pregamos sobre isso, mas, às vezes, isso não tem intensidade e a força devidas. Na caminhada com esse povo, que teima em viver apesar das circunstâncias, eu aprendi na prática a valorizar, de todas as formas e com todo meu entendimento e sentimentos, a vida que tenho! Aprendi também sobre a extensão da minha responsabilidade em reconhecer que sou participante nesse mundo e como tal onde estou, preciso me responsabilizar e lutar contra tudo que produz os sinais da morte!

Como lidar com movimentos religiosos proselitistas infiltrados na reserva indígena?

Complicado! De certa forma, toda religião diferente da sua pratica o proselitismo ou é o resultado dele. Isso porque quaisquer lideranças religiosas dentro da Reserva Indígena se dão por meio do próprio indígena que recebe a orientação de suas Igrejas mães na cidade. São eles os líderes religiosos. São eles os pastores. E nosso cuidado em atuar é grande. O que nos diferencia é nosso modo de ser Igreja. Nossa ação nos diferencia e todas as Igrejas e movimentos religiosos e os próprios líderes distinguem isso muito bem. Temos uma



Pastora Maria Imaculada no início do trabalho índios em Mato Grosso do Sul.

ação integral. Como Igreja, trabalhamos o todo do ser humano. Nossa responsabilidade não é apenas com a Igreja que surgiu com o tempo, mas é com toda comunidade indígena. Caminhamos junto com as escolas, junto à saúde, junto ao lazer etc. Nas situações de crises entre famílias, relacionamento entre pais e filhos, marido e mulher. Eles/as são orientados por seus próprios líderes a procurarem o pastor e a pastora da Missão Tapeporã.

Qual foi a maior prova de confiança recebida dos índios em relação à missão metodista?

Certamente foi a que veio do Capitão Ireno Snard, liderança maior do povo Kaiowá. Em março de 1993, um dia antes de

sua morte, ele chamou o Paulo e eu. Deitado em sua casa, pegou a mão do Paulo e a minha e nos pediu para nunca deixarmos o povo sozinho. Nossa alegria era ter confirmado a certeza de que ele sabia o quanto seu povo era importante para nós e confiava em nós como representantes da Igreja Metodista ali em sua reserva indígena.

Vocês vivenciaram momentos de demarcação de terra, ondas de suicídios, subnutrição etc. Qual a importância da igreja em situações como essas?

Vivemos e continuamos a vivenciar todos os dias. A importância é que eles/as tenham certeza de que podem contar conosco e que a luta por preservarem suas vidas e terem os seus direitos adquiridos enquanto povo indígena é a nossa também. Para a Missão Tapeporã não importa se um membro fique retido pelos indígenas que lutam pela demarcação de terras (como foi o que aconteceu na Reserva Indígena do Piracua), ou se tenhamos que esclarecer, noite e dia, a comunidade sobre a necessidade da busca pela saúde e educação. Se tenhamos que tratar problemas familiares que a cada dia se agravam pela presença do álcool e drogas ou ainda se tenhamos que chorar com eles/as suas mortes pelo suicídio. Mas, é o caminhar junto, no dia a dia, mostrando que tudo que acontece com eles/as para nós é de suma importância e motivo de continuidade de nossa caminhada. ■



A pastora Maria Imaculada e o pastor Paulo iniciaram o trabalho indígena em Dourados/MS em 1884.



Missão integral nas aldeias

Desde 1928 a serviço dos povos indígenas

Marcelo Ramiro

Agosto de 1928. Igreja Metodista em festa. Era o início do trabalho missionário com os povos indígenas. A notícia da ação no antigo Mato Grosso se espalhou rápido pelo Brasil. O Expositor Cristão na época estampou a foto do médico Nelson Araújo, o metodista brasileiro enviado para atuar ao lado dos índios.

Na primeira página do jornal uma honrosa apresentação: “Da Igreja de Juiz de Fora-MG, apresenta-se o dr. Nelson Araújo, que, recém formado, fecha os olhos aos lucros de uma carreira que facilmente exerceria, prontificando-se, com verdadeiro espírito de serviço, a se consagrar à obra missionária como o representante metodista entre os filhos das selvas mato-grossenses”.

O médico Nelson Araújo começou o trabalho ao lado do metodista e técnico agrícola

Francisco Brianezi. Eles integravam uma equipe da Associação Evangélica de Catequese aos Índios, em parceria com as Igrejas Presbiteriana Independente e do Brasil. Trabalho cheio de altos e baixos. A participação metodista teve de ser interrompida em 1946. Com outra estratégia, a missão foi retomada 25 anos depois pelo bispo Scilla Franco.

Compromisso

Durante todo o trabalho entre os índios kaiuás, a Igreja Metodista se comprometeu a não fazer proselitismo entre os índios e a buscar uma conversão da própria Igreja para a causa indígena. “Se você não puder apresentar Jesus aos indígenas com seus atos, é melhor ficar calado”, dizia o bispo Scilla Franco

A Igreja Metodista criou uma equipe de apoio, formada pelos pastores Francisco Antônio Correia, Sérgio Marcus Lopes, Thimóteo Campos dos Santos e a professora Lídia dos Santos. A



Trabalho metodista com índios macuxis da aldeia Maruwai em Roraima começou em 1989.

partir das reuniões foi criado o Grupo de Trabalho Indigenista e, posteriormente, uma pastoral para tratar especificamente da causa indígena.

Em 1983, o Colégio Episcopal da Igreja Metodista aprovou o documento “Bases para uma Política Indigenista”. Nesse mesmo ano, o agrônomo Áureo Brianezi foi substituído pelo casal de pastores Paulo Silva Costa e Maria Imaculada Costa, na chamada Missão Tapeporã, nas aldeias de Dourados, Mato Grosso do Sul.

Missão

Com esse direcionamento outras iniciativas de missão indígena surgiram na Igreja Metodista. Em 1989 o metodismo se aproximou dos macuxis na aldeia Bala, agora conhecida como Maruwai. “Passamos a dar assistência espiritual e apoio quando vinham doentes ou com problemas para a cidade”, conta a pastora Maria Madalena Freitas, que participou do início do projeto. Hoje, toda a comunidade, mais de 200 pessoas, é metodista.

A partir de 1992 começou a reunir-se um grupo mais amplo de pessoas e verificou-se que ações de serviço e solidariedade já vinham se expandindo para vários povos indígenas do Brasil.

Também foram alcançados os povos Krenak (MG), Guarani Mbya (ES), Tapeba (CE), Pataxó (MG), Kaingang (RS), Guarani-Kaiowá, Terena, Guarani-Nãndeva (MS), Kiriri (BA) e Kanamari (AM).

Diretrizes

Com mais maturidade para lidar com questão indígena, a Igreja Metodista lançou, em 1999, o documento – Diretrizes Pastorais para a Ação Missionária Indigenista. O texto é um norteador das ações com os povos indígenas e é contra o proselitismo. “O Evangelho só constitui boas novas aos povos indígenas à medida que os ajuda a fortalecer as suas próprias culturas, a refazer os seus direitos sobre a terra e a recobrar a dignidade que os filhos e filhas de Deus possuem”, afirma o documento.

Ainda hoje o trabalho indigenista é um desafio. De acordo com a Funai (Fundação Nacional do Índio), no Brasil são cerca de 220 diferentes povos com uma população que ultrapassa os 800 mil. A língua também é uma barreira para o trabalho. Estima-se que no país há mais de 200 línguas indígenas, dificultando o trabalho de tradução da Bíblia e divulgação entre os povos indígenas. ■

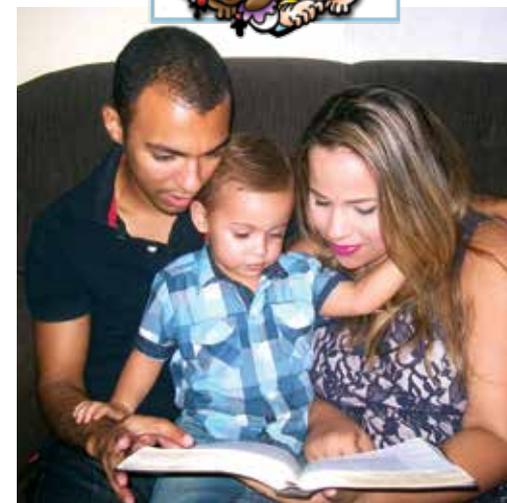


Em 2005, missionários metodistas foram chamados para ajudar duas famílias suruwaha na Amazônia.

“As Boas Novas do Evangelho só têm sentido para os povos indígenas se ajudar a construir as suas próprias culturas, a refazer os seus direitos sobre a terra e a recobrar a dignidade que os filhos e filhas de Deus possuem.” Diretrizes Pastorais para a Ação Missionária Indigenista (p.24)



Discipulado com meninos e meninas



Luciana França da Costa

Rogéria de Souza Valente Frigo

O discipulado da criança deve começar em casa, desde os primeiros dias de vida. Ele é essencialmente responsabilidade de sua família, estendendo-se a responsabilidade à família de fé (toda a comunidade: pastores/as, líderes, irmãos/ãs e componentes do ministério de trabalho com crianças).

Os pais e mães que discipulam seus/as filhos/as, educam com amor e não se entediam dessa responsabilidade. Para poucos anos, Deus confiou filhos/as aos cuidados de seus pais. Cada pai e mãe há de marcá-los/as para a eternidade. Precisam ter consciência de que assumiram o compromisso de educar seus/as filhos/as quando optaram por tê-los/as e que esses anos passarão muito rapidamente, sendo que o resultado de seu investimento no discipulado há de ser colhido em poucos anos, quando puderem vê-los/as caminhando comprometidos/as com o Senhor.

Antes de sair à procura de pessoas para discipular, cada líder familiar deve começar com as próprias famílias. Os pais devem ser instruídos a manter seus olhos abertos para aqueles momentos perfeitamente ensináveis. Às vezes, planeja-se o momento de compartilhar a fé com os/as filhos/as, mas em outras vezes, a oportunidade se apresenta mesmo não planejada. ■

Leiam: Deuteronômio 6.4-9

○ Expositor Cristão está mudando!



Em Junho

- ◆ Maior tiragem
- ◆ Melhor distribuição
- ◆ Novo visual

